

EU SE DIVERTI MUITO: MAIS TINTA SOBRE OS CLÍTICOS NO PB

Larissa Marchi da SILVEIRA¹

ABSTRACT: This paper is a study about sentences of BP as *Eu se diverti* and *Eu sei se vestir sozinho*. It falls within the theoretical frame of Generative Grammar in the Model of Principles and Parameters and the Minimalist Program, as well as the framework proposed by Everett. What I intend to do is to analyze the condition of the clitic in current BP through the study of this kind of syntactic construction that seems to consider the clitic as a kind of affix.

Apresentação

Este estudo objetiva analisar, sincronicamente, os fatores lingüísticos e extralingüísticos envolvidos em um tipo particular de construção sintática do português brasileiro (PB), a saber, sentenças como *Eu se diverti muito* e *Eu se molhei toda*², em que se verifica o uso de *se* em contexto de 1ª pessoa, em substituição ao clítico reflexivo *me*. O que parece ocorrer é um tipo de processo que apaga ou esvazia o conteúdo argumental do clítico, assim como ocorre com os chamados clíticos inerentes, levando à hipótese de que os clíticos, nessas construções, são interpretados como afixos flexionais. Com respaldo no quadro teórico da Gramática Gerativa, especialmente no modelo de Princípios e Parâmetros (1981) e do Programa Minimalista (1999, [1992]), este trabalho procura dar continuidade aos estudos sobre clíticos no PB. Retomando a proposta de Everett (1996) – que, adotando uma visão minimalista, assume, assim como Dobrovie-Sorin (1994) e Galves (2001), que clíticos, concordância e pronomes são matrizes de traços- ϕ , geradas como morfemas livres ou presos e em posições diversas, em função da parametrização das categorias funcionais da língua –, procuro avaliar como a proposta desse autor é válida para a análise do fenômeno em investigação.

A literatura: um pouco sobre os clíticos

Os pronomes clíticos representam o ponto de encontro entre morfologia, sintaxe e fonologia, sendo, portanto, alvo de muitos estudos sob vários pontos de vista. Kayne (1975), pioneiro na análise sintática desses itens, levantou várias propriedades, dentre as

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Lingüística, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista CNPq, processo 135732/2006-9. E-mail: lari_letras@yahoo.com.br.

² Os exemplos utilizados neste trabalho provêm de duas fontes: alguns foram colhidos de forma não sistemática por mim; são sentenças ouvidas no dia-a-dia e em programas televisivos (PT), pronunciadas tanto por crianças quanto por adultos com baixa escolaridade. Outros foram extraídos de PEREIRA (2006) e são provenientes do NURC/SP, NURC/RJ, VARSUL, PORCUFORT, VERTENTES e VALPB, bem como de um corpus pessoal (PR) organizado pela autora com dados produzidos por seus filhos.

quais uma merece destaque no âmbito deste trabalho: o fato de serem fonologicamente fracos e, por isso, não poderem aparecer sozinhos, devendo ser adjungidos a um hospedeiro. Isso faz com que muitas vezes eles se pareçam a afixos, o que gera uma questão amplamente discutida, mas até hoje em aberto: os clíticos são basicamente um tipo de pronome com limitações na distribuição sintática ou são variedades de afixos livres com dependências sintáticas como as da morfologia de concordância?

Na corrente que não considera os clíticos como afixos revela-se o nome de Zwicky (1977), que pontua que enquanto a cliticização é um fenômeno sintático, a afixação flexional é um fenômeno morfológico. A esses fatos somam-se as diferenças levantadas por Klavans (1982), que argumenta que o que distingue clítico de palavras e de afixos é o fato de que os clíticos são usualmente subcategorizados para se ligar sintaticamente a uma frase, enquanto os afixos devem se ligar a palavras ou radicais.

Em uma posição intermediária está o nome de Spencer (1991), que afirma que clíticos são palavras funcionais que, historicamente, se desenvolveram a partir de palavras plenas e tendem a se transformar em afixos flexionais.

Já na corrente que procura atestar o pareamento entre clíticos e afixos estão os estudos de Georgopoulos (1991). Segundo ele, em Palawan os elementos pronominais verificados no verbo são analisados como concordância e não como clíticos. Palawan é uma língua *pro-drop* ou de argumento nulo, o que significa que quando não há um sintagma nominal presente, há um argumento nulo estruturalmente representado. Ainda nessa língua, existem alguns casos em que a presença de marcadores pronominais nos verbos ou nomes impede a ocorrência de um sintagma pronominal.

Como se nota, o estudo dos sistemas de pronomes clíticos é de considerável interesse nas teorias de sintaxe, o que se deve tanto à importância inerente que qualquer sistema pronominal tem em uma teoria sintática, quanto à interação entre cliticização e estrutura argumental, um exemplo da qual é a reflexivização, geralmente assinalada por meio de um clítico e que pode ter a propriedade de destransitivizar um verbo transitivo.

A literatura: os clíticos *me* e *se* no PB

Pereira (2006) pontua que, ainda que a 1ª pessoa do singular seja fundamentalmente preenchida pelo clítico *me* no PB, o *se*-reflexivo com a forma da 3ª pessoa usada para um antecedente na 1ª pessoa do singular também pode figurar nesse ambiente. Tal uso parece ser muito recorrente na fala das crianças no período de aquisição da linguagem, como revelam os seguintes exemplos:

- (1) a. Eu *se* molhei toda. (3 anos e 2 meses, PR)
- b. Eu sei *se* vestir sozinho. (3 anos e 11 meses, PR)
- c. Mãe, deixa eu *se* pintar com a tua maquiagem? (5 anos e 8 meses, PR)
- d. Eu *se* diverti muito (aprox. 5 anos, PT)

Na fala de adultos tal construção também aparece, como nos casos a seguir:

- (2) a. Eu ando toda roxa porque eu to *se* batendo toda, toda hora, o tempo todo
[FC1FLP]

b. É mais ou menos 15 minutos para mim *se* vestir e *se* maquiarse, todos os dias.
[FC2SP]

c. Eu queria *se* entender com ela. (PT)

Tais exemplos parecem revelar uma mudança no paradigma dos chamados pronomes reflexivos, em que se tem o pronome *se* generalizado para todas as pessoas gramaticais: Eu *se* molhei; Tu/Você *se* molhou; Ele/Ela *se* molhou; Nós/A gente *se* molhamos/molhou; Vós/Vocês *se* molharam e Eles *se* molharam.

Com relação à 1ª pessoa, uma questão se coloca pertinente: o que está ocorrendo no PB falado é uma perda de concordância de 1ª pessoa? Uma observação um pouco mais apurada revela que não é esse o caso, uma vez que o clítico *me* está em amplo uso em outros contextos, como no acusativo. Não são encontradas, por exemplo, sentenças do tipo *Ele se molhou todo* querendo dizer *Ele me molhou todo*. Sendo assim, o que parece estar acontecendo é que a estrutura interpretada pelo falante em *Eu se molhei todo* simplesmente não identifica uma relação argumental entre *se* e o verbo no mesmo plano que identifica a relação argumental entre *eu* e o verbo. Dessa forma, o *se* estaria cumprindo ali uma outra função. Uma das hipóteses é de que ele estaria atuando não como um reflexivo, mas como um pronome inerente, que não tem conteúdo semântico ou morfossintático, não expressa relação argumental com o verbo e dele não recebe papel temático. Essa idéia leva ainda à hipótese de que o clítico possa estar sendo interpretado como um afixo, um elemento ligado ao verbo e que não apresenta variação.

A literatura: a proposta de Everett

Segundo Everett (1996), uma verdadeira análise sobre os clíticos deve caracterizá-los com relação aos afixos de concordância e pronomes, uma vez que todos possuem um mesmo núcleo semântico e interagem significativamente em diversos fenômenos morfossintáticos. Assim, a proposta de Everett é de que pronomes, clíticos e afixos são epifenômenos, produzidos pela inserção de traços- ϕ em diferentes posições sintáticas. Assumindo que os traços- ϕ são [+nominal] e [+funcional], apenas dois locais de inserção são possíveis: AGR^0 e D^0 . Assim, tem-se que pronomes são traços- ϕ na posição D^0 ; clíticos são traços- ϕ em AGR^0 , adjungidos na sintaxe ao X^m , e afixos são traços- ϕ em AGR^0 , incluídos dentro do X^0 . Em outras palavras, enquanto os clíticos são tratados como adjuntos, os afixos são vistos como complementos. Para realçar essa diferença, Everett vale-se da noção de subcategorização morfológica, a partir da qual é possível dizer que a afixação resulta da subcategorização de AGR pelo X^0 , enquanto a cliticização é uma simples adjunção, não relacionada às propriedades lexicais de X^0 .

Tendo em vista essas considerações, Everett discute algumas questões relacionadas à aquisição de clíticos, um ponto particularmente interessante no âmbito desta pesquisa. Assim, segundo sua proposta, temos que a estrutura de (a) é um legítimo subconjunto de (b), com relação ao número de galhos de X^0 :

- (3) a. [X^0 AGR] AGR = afixo
b. [X^0 AGR [X^0 ...]] AGR = clítico
c. [AGR ...] [X^0 ...] AGR = palavra livre ou clítico simples

Para uma observação mais cuidadosa, Everett resgata o *Princípio do Subconjunto*, proposto por Berwick (1985) e definido Manzini e Wexler (1987):

- (4) *Subset Principle*. Let p be a parameter with values p_1, \dots, p_n , f_p a learning function, and D a set of data. Then for every p_i , $1 \leq i \leq n$, $f_p(D) = p_i$ if and only if:
- $D \subseteq L(p_i)$, and
 - for every p_j , $1 \leq j \leq n$, if $D \subseteq L(p_j)$ then $L(p_i) \subseteq L(p_j)$.

A partir dessa definição, Everett assume que a adjunção a x^0 irá gerar uma língua que é um superconjunto de uma língua que tem apenas substituição x^0 . Ou seja, a estrutura gerada pela adjunção será um superconjunto de estruturas geradas exclusivamente por m-categorização, ambas nas configurações propostas e no número de estruturas que podem ser geradas pela gramática em questão. Se isso for correto, então o *Princípio do Subconjunto* prevê que crianças adquirindo uma língua assumam a configuração (a) antes da configuração (b), abandonando (a) somente como o resultado de evidência positiva. Esse fato prevê, então, que um AGR aberto será primeiro hipotetizado como sendo um afixo e somente depois como um clítico.

Everett pontua que a ordem mais comum no PB é o clítico pré-verbal, fato que ocorre também em outras línguas românicas. Segundo a proposta do autor, as crianças aprendem a ordem mais freqüente como uma estrutura de inclusão, fato que faz com que as crianças falantes do PB, por exemplo, não hipotetizem as estruturas da gramática adulta inicialmente – cf. (6), preferindo configurações como as apresentadas em (5):

- | | |
|--|---|
| <p>(5) a. [v^0 me-<i>pega</i>] [DP eu
pega] [DP eu]
 b. [v^0 <i>pega</i>] [DP eu]
 c. [v^0 me-<i>pega-me</i>]
 d. [v^0 me-<i>pega-me</i>] [DP eu
eu]
 e. *pega-me
 f. *pega-me eu
[DP eu]</p> | <p>(6) a. ([AGR me-] [v^0
b. [v^0 <i>pega</i>] [DP eu]
 c. *me-<i>pega-me</i>
 d. *me-<i>pega-me</i>] [DP
e. [v^0 <i>pega</i>]-[AGR me]
 f. * [v^0 <i>pega</i>]-[AGR me]</p> |
|--|---|

Tais exemplos são previstos pelo modelo desenvolvido por Everett e revelam que primeiro a criança vai analisar o clítico como um afixo, incluído dentro de v^0 , uma vez que ela hipotetiza uma estrutura de inclusão. Assim, a criança vai analisar o clítico pré-verbal como um prefixo de concordância objeto, m-subcategorizado pelo verbo, como revelam os exemplos em (5). Todavia, como os afixos são diferentes dos clíticos em terem uma ordem muito mais rígida em virtude da m-subcategorização especificar uma ordem linear enquanto a adjunção é primeiramente determinada pela sintaxe, a criança vai então assumir que o que ela havia analisado como um prefixo também pode figurar como sufixo, resultando em estágios intermediários. Só depois desse período de instabilidade é que a criança vai alterar sua análise: de afixo para clítico, surgindo daí outra instabilidade, a saber, a posição de tal clítico, como mostram os exemplos em (6).

A análise de Everett explica diversas ocorrências do PB. Além disso, fornece uma base para o aprofundamento das questões envolvidas na interface sintaxe/morfologia, ao propor que o que antes era pensando ter se originado no léxico, isto é, unidades anafóricas (pronomes), unidades morfológicas (afixos) e unidades intermediárias (clíticos) surgem, ao contrário, da inserção e do empilhamento dos mesmos traços lexicais em diferentes posições sintáticas. Apesar disso, tal, proposta, ao simplificar alguns aspectos, ainda deixa muitas questões em aberto.

Mais tinta sobre os clíticos no PB

A hipótese que norteia a análise das construções que pretendo investigar é a de que os falantes não estão reconhecendo uma estrutura argumental entre o clítico e o pronome sujeito no mesmo plano em que o fazem com relação ao pronome sujeito e o verbo. Assim, em vez de se valer do clítico reflexivo *me*, o falante generaliza o *se* para todas as pessoas gramaticais, parecendo não reconhecer ali qualquer noção de reflexividade. Nos termos de Nunes (1995), o clítico deixa de realizar o papel temático de argumento interno e passa a ser interpretado como fossilizado, inerente ao verbo.

Seguindo a proposta de Everett (1996), que propõe que enquanto os clíticos são adjungidos a v^0 os afixos são incluídos, em uma construção como *Eu sei se vestir sozinho* o clítico estaria sendo interpretado não em uma configuração de adjunção, mas sim de inclusão, ou seja, como um afixo. Tal fato seria explicado pelo *Princípio do Subconjunto*, que prevê que a estrutura de inclusão é um subconjunto da estrutura de adjunção, sendo, portanto, adquirida primeiramente pela criança. Aplicando a análise de Everett à primeira sentença apresentada acima, tem-se a seguinte configuração:

- (7) a. $[_{DP} eu] [_{V^0} sei] [_{V^0} se-vestir] [_{DP} sozinho]$
 b. $[_{DP} eu] [_{V^0} sei] [_{AGR} me-] [_{V^0} vestir] [_{DP} sozinho]$

(a) seria a estrutura em que o clítico é interpretado como incluído no verbo, ou seja, como um afixo. Dessa forma, a criança reconhece a seqüência clítico-verbo como um único constituinte, não vendo o clítico como um argumento e, portanto, deixando de fazer a concordância necessária, já que a análise do clítico como um afixo implica que o clítico não precisa de Caso, uma vez que ele será visível via inclusão. A escolha do clítico *se* para a generalização parece se explicar pelo fato de que é esse o pronome que acompanha os ditos verbos pronominais, em que o pronome é inerente.

Já a estrutura (b) seria adquirida pela criança em um momento mais tardio, em que ela reconheceria que na verdade o que ela interpretava como uma estrutura de inclusão é de fato uma estrutura de adjunção, em outras palavras, que o que ela via como afixo é um clítico. Sendo um clítico, ele estará em uma relação argumental com o verbo e, portanto, dele deverá receber papel temático.

Conclusão

Mais do que dúvidas sanadas, a conclusão traz questionamentos para investigações futuras. A princípio, a proposta de Everett parece ser interessante na medida em que

propõe uma explicação, a partir da diferença entre clíticos e afixos, para o tipo de sentença analisada. No entanto, algumas perguntas ainda precisam ser respondidas, uma das quais surge a partir do fato de que esse tipo de ocorrência não é atestado somente na fala de crianças no período de aquisição da linguagem, mas também na fala de adultos, como revelam os dados de Pereira (2006) bem como os que estão sendo coletados por mim. Dessa forma, a dúvida seria: o que faz a criança deixar de analisar o clítico como um afixo? Ou ainda, porque alguns falantes, mesmo em idade adulta, continuam a cometer tais “enganos”? Seria simplesmente a deficiência de uma formalização do paradigma de pronomes? A princípio, a resposta a essa pergunta parecia ser positiva, haja vista que os dados de fala adulta provinham geralmente de pessoas com baixa escolaridade, sem domínio da norma culta e os de fala infantil de crianças em fase de aquisição de linguagem. No entanto, já fui alertada de que tal construção pode ser um tipo de regionalismo, uma vez que mesmo falantes que dominam a norma culta produzem tais construções de uma forma natural, a depender de sua região, um fato que precisa ser investigado com mais profundidade.

Outra questão a ser explorada diz respeito ao apagamento desses clíticos, ou seja, investigar se os mesmos falantes que dizem *Eu se chamo* também produzem *Eu chamo*. Tal questão surge especialmente a partir do trabalho de Galves (2001), que chama a atenção para a alta frequência do pronome *se*, que ocorre especialmente com os ditos verbos pronominais, o que, segundo ela, corresponde a uma lexicalização do pronome. Porém, ao lado dessa alta taxa de ocorrência, há também a tendência ao apagamento do pronome, como pontuado por Monteiro (1991), que nota que a alternância entre a realização lexical do *se* e seu apagamento é frequente no discurso de um mesmo falante, e às vezes até em duas frases adjacentes.

Referências Bibliográficas:

- BERWICK, R. (1985) *The acquisition of syntactic knowledge*. Cambridge: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- _____. (1999) *O programa minimalista*. Trad. de Eduardo P. Raposo. Lisboa: Caminho.
- DOBROVIE-SORIN, C. (1994) *The typology of pronouns and the distinction between syntax and morphophonology*. Ms. Université Paris VII.
- EVERETT, D. (1996) *Why there are no clitics*. An alternative perspective on pronominal allomorphy. Publications in Linguistics 123, S.I.L and University of Texas at Arlington.
- GALVES, C. (2001) *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- GEORGOPOULOS, C. P. (1991) *Syntactic variables: resumptive pronouns and A'binding in Palaun*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- KAYNE, R. (1975) *French syntax – the transformational cycle*. Cambridge: MIT Press.
- KLAVANS, J. (1982) *Some problems in a theory of clitics*. Bloomington: IULC.
- MANZINI, M. R. & WEXLER, K. (1987) “Binding theory, parameters, and learnability”. *Linguistics* 18, 413-44.
- MONTEIRO, J. L. (1991) *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Tese de doutorado. UFRJ-Rio de Janeiro.
- NUNES, J. (1995) “Ainda o famigerado SE”. *DELTA* 11 (2), 201-240.
- PEREIRA, A. L. D. (2006) *Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída*. Tese de doutorado. UFSC-Florianópolis.

- SPENCER, A. (1991) "Clitics". *Morphological theory*. An introduction to word structure in generative grammar. Oxford: Blackwell.
- ZWICKY, A. (1977) *On clitics*. Bloomington: Indiana University Linguistic Club.